

Transcrição do Podcast Veja Bem - t01e05

Abaixo, seguem as legendas utilizadas:

C = Professor Clóvis de Barros

F = Professor Carlos Ferrari

V = vinheta

L = Locução

F: Esse sentimento apontado por Aristóteles, como o mais sublime...

C: você continua subindo uma escada. Você não sabe onde dá. Aliás, você tem uma ideia de onde a escada vai dar. A escada vai dar na...

V: Veja bem: o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores: Clóvis de Barros Filho e Carlos Ferrari.

Trilha: música “O que é, o que é”, do Gonzaguinha.

F: Quando eu começo a gravar isso aqui, fico feliz demais! Vocês percebem! O assunto rola fácil e não dá vontade de acabar! Mas é importante ter cuidado, aliás, com tudo aquilo que nos é importante. O “Veja Bem” tem um tempo médio semanal. Nós buscamos sempre fechar com uma ideia que explode no ar, com gosto de “quero mais” ... Ou seja, não dá pra passar do ponto. Eu too te contando tudo isso porque tem tudo a ver com o tema de hoje, compartilho essa experiência porque é um momento pra mim de vida boa... E hoje nós vamos falar de felicidade... A felicidade de óculos.

Sobre essa ideia, eu falo mais à frente. Mas vamos receber aqui o professor Clóvis, mais uma vez. Que alegria te encontrar, professor! Pra conversar hoje sobre Felicidade! Nós começamos o episódio ouvindo, aí, o Gonzaguinha cantando “Viver e não ter a vergonha de ser feliz”, na música “O que é, o que é”. *Trilha: Mas isso não impede que eu repita: é bonita, é bonita e é bonita!”

Professor, dá pra ser feliz em tempos de pandemia? Aliás, deixa eu reformular essa pergunta: será justo ser feliz em tempos tão sombrios?

C: Olha, Carlos, eu queria, primeiro, saudar os nossos ouvintes. Saudar a todos aqueles que desfrutam conosco desse momento... E eu queria lembrar de Aristóteles. Penso que ele pode nos ajudar muito a responder a tua pergunta, Carlos. Aristóteles partia de uma premissa de que a condição fundamental da Felicidade do Homem é o que ele chamava de Virtude. Virtude em português. Virtù, em italiano e areté, em grego. Aristóteles entendia por “virtude”, toda forma de excelência. Toda forma de excelência

PODCAST VEJA BEM

pressupõe realizar aquilo que se disponha a fazer de um modo muito próximo do máximo de perfeição que conseguimos. Nós poderíamos dizer que o que Aristóteles entendia por excelência e, portanto, por virtude, é o que o velho Clóvis de Barros, meu pai, falava em “dar o melhor de si”. Vai lá e dê o melhor de si, né? Faça o melhor que você conseguir. E aí você percebe, Carlos, que essa excelência pode ser uma excelência na hora de tocar um instrumento, e nós ainda usamos o termo “virtuoso”, pra quanto um violinista, um pianista desempenha com perfeição aquilo que realiza. Nós podemos falar de excelência no caso de um orador que toma a palavra e, quando se manifesta, faz com enorme qualidade, pertinência, bom encadeamento... E, veja que essa relação entre a excelência e a Felicidade, ela é uma relação que nós conservamos até hoje, às vezes sem perceber. Porque a gente diz: nossa, fulano de Tal foi muito feliz na sua intervenção. Ora, quando nós dizemos que fulano de Tal foi muito feliz na sua intervenção, isso não quer dizer que ele estava prazenteiro, agradado, satisfeito.

Não. Quer dizer que ele, na hora de intervir, fez com qualidade, fez com excelência, deu, ali, o melhor de si, foi ótimo naquilo que ele realizou. Então, ora, eu começaria esse papo dizendo que a primeira grande condição da felicidade, portanto, é uma disposição para agir sempre da maneira mais nobre possível, mais excelente possível, seja lá em que situação for. É claro, no meio dessas virtudes, nós encontramos as virtudes morais, que são disposições para agir com excelência na relação com os demais, de maneira a dar à vida alguma dignidade. As virtudes morais, como qualquer forma de excelência, Carlos, elas são condição da Felicidade. Então, nesse sentido, veja que a sua pergunta foi: “seria justo ser feliz numa situação dessa?” Eu então inverte e término a minha resposta exatamente com a frase invertida: é sendo justo que seremos sempre felizes.

A justiça, como sendo a mais nobre das virtudes, é o passaporte para uma vida feliz.

Agora, claro... Você dirá: muito bem, mas as pessoas à nossa volta sofrem. Então, ao invés de nos proibir alguma felicidade, o que temos que fazer é buscar excelência na relação com os demais, naquilo que a situação exige. Isto é: generosidade, estender a mão, estar ao ouvido daqueles que sofrem, daqueles que estão em luto e isto nos permitirá uma conduta virtuosa, uma conduta excelente e que nos autorize, sim, alguma felicidade.

A felicidade de poder ajudar os demais na medida máxima de perfeição que as nossas condições autorizem. Acho que, mais ou menos, respondi o que eu achava do que você provocou.

F: Caramba, que reflexão maravilhosa, professor! Ser feliz, sem qualquer constrangimento... ser feliz, exercendo as nossas virtudes, vivendo a excelência naquilo que se faz... ser feliz, independente da situação... Mas, deixa eu te perguntar, então... Isso tem muito a ver com a compreensão do que é esse tal “ser feliz”. É mais ou menos por aí, professor?

C: Claro! Tudo depende muito daquilo que você entende por felicidade. Se você entender pra felicidade, digamos, um sentimento de agrado, de prazer moderado... uma situação de empurrar com a barriga, uma situação em que você não tá sofrendo muito...

PODCAST VEJA BEM

uma situação aonde tá tudo mais ou menos bem... Aonde você e está inscrito em um cotidiano dominado e seguro, evidentemente que os tempos de hoje nada têm a ver com isso... Portanto, seria loucura pensar em “felicidade” hoje, entendendo “felicidade” por esse estado geral afetivo inscrito em uma certa normalidade. Agora... não precisamos entender felicidade desse jeito. podemos entender Felicidade como a busca ininterrupta da plena realização do nosso “eu a maior”. E aí, podemos até estar chorando... podemos até estar devastados, por que não? Mas poderá haver, nessa devastação, a oportunidade de uma realização, de um crescimento de si... E esse crescimento de si é um crescimento feliz.

Feliz, no sentido de uma existência que nos dignifique o máximo possível. Até porque, Carlos, a gente já viveu suficiente pra saber, e eu acho que o nosso ouvinte também... É claro que nunca estivemos em uma situação como essa, mas é preciso lembrar que “ideal, ideal, ideal, ideal, ideal” nunca foi, porque, senão, não seria “ideal”. As coisas são complicadas desde que a gente nasceu. Eu não me lembro de ter vivido um momento que não tive algum tipo de crise. Eu me lembro da crise econômica, dos termos de uma economia desregulada, de um desemprego avassalador, de dificuldades econômica terríveis... Eu sempre vivi em um país de profundas desigualdades sociais, de um acesso à riqueza muito restrito a um grupo... Eu sempre vivi, portanto, num país de muita injustiça social... Eu sempre vivi num país onde a educação de qualidade ainda é prerrogativa de pouquíssimos... então, vamos combinar? Nunca foi uma maravilha a vida na cidade, a vida na polis, a vida na comunidade, a vida no grupo... Nunca foi uma maravilha. Então é importantíssimo que tenhamos uma concepção de vida boa que possa conferir a nossa existência alguma dignidade, seja lá qual for o tipo de tempestade que a gente estiver enfrentando.

Porque, se para nós utilizarmos alguma felicidade todo mundo tiver que estar feliz e contente à nossa volta, é óbvio que não seremos felizes nunca. Então, eu queria que o ouvinte entendesse: num momento como esse, a felicidade está em estender a mão; na generosidade; no amor; na amizade... E eu aqui queria justamente que pudéssemos até explorar um pouco essa ideia da amizade como sendo uma forma de relacionamento com afetos muito positivos...

É gozado, Carlos, quando eu estava na escola, a gente ouvia muito mais falar Fulano de Tal é meu amigo, Fulano de Tal deixou de ser meu amigo, Fulano de Tal é meu melhor amigo... A palavra “amigo” era uma palavra muito recorrente. E é engraçado como, hoje em dia, essa palavra “amizade”, “amigo”, é uma palavra que perdeu um pouco de força. As novas tecnologias multiplicam os “amigos” aos milhões, né? E aí, claro, quem tem milhões de amigos, mais do que cantar com Roberto Carlos, acaba não tendo amigo nenhum... porque, evidentemente que a amizade pressupõe profundidade, adensamento... pressupõe zelo, preocupação genuína com o outro. E isso é alguma coisa que, se isso se despedaçar completamente, acaba perdendo muito da sua força.

F: Falando em momentos difíceis, deixa dar um exemplo pra vocês... A Pamonha. Você que não é de São Paulo, antes da pandemia, pra comer pamonha, a gente... Um dos lugares era na Castello Branco. Cê voltando de viagem e era quase que o asis você parar ali pra comer. Mas, veja, até pra isso, não era algo simples... A expectativa de

PODCAST VEJA BEM

comer a pamonha, mas aí tem que parar o carro. Depois a fila, às vezes, dependendo do horário que cê estava voltando, ainda faz muito calor. Fila, calor, estacionar... E depois que pega a pamonha, precisa arrumar um lugar pra comer. Ou seja, nada é simples. Não é, professor?

C: Ah, rapaz... Mas eu acho que o nosso ouvinte, morando onde moramos, tem um pouco ideia do que a gente tá querendo dizer. Cada lugar tem os seus problemas, né? Cada lugar tem as suas grandes dificuldades.

Para nós, que moramos numa grande cidade, as dificuldades são óbvias... mas eu gostaria muito de deixar claro ao nosso ouvinte que, quando falamos de felicidade, a primeira lição é que não podemos, por princípio abrir mão dela nunca, em situação alguma, sob pena de estarmos abrindo mãos do sumo bem, daquilo que mais importa; daquilo que não está a serviço de nada. Se você imaginar, Carlos, que a vida na sociedade nos ensina a subir escadas, a subir degraus e subir um degrau só faz sentido se for pra subir o degrau seguinte.

E, aparentemente, essa escada não tem fim. Passamos a vida subindo degraus, numa espécie de cadeia de utilidades, né? Uma espécie de encadeamento utilitário onde você faz uma coisa pra isso, outra para aquilo, outra pra aquilo... faz o primeiro ano pra passar pros segundos, o segundo pra passar por terceiro... E, no final de contas a vida acabou e você continua subindo uma escada que você não sabe onde dá. Aliás, você tem uma ideia de onde a escada vai dar: na finitude. No fim da vida. No fim dos tempos...

Naturalmente qualquer pessoa com dois neurônios haverá de entender: ou você atribui valor a cada degrau, ou cada degrau tem graça por si, e não para levar ao degrau seguinte... ou você dá àquele momento de vida a sua relevância, a sua importância, ou então a vida passará numa escada que não tem fim.

Então eu começaria te dizendo: esse podcast nosso, que o nosso ouvinte tá aí, degustando, tá ouvindo... é um excelente exemplo. Porque, se eu perguntar: escuta, você está ouvindo isso aí pra que? Provavelmente o nosso podcast... não dá diploma, não dá certificado, não ajuda a obter emprego.... Então, de uma certa maneira, ele é inútil! E exatamente pelo fato dele ser inútil, que ele pode sugerir a possibilidade de ele ter valor por ele mesmo...

Porque, como eu escrevi num livrinho “a felicidade é inútil”, justamente porque os instantes felizes são aqueles instantes que, valendo por eles mesmos, não estão a serviço de nenhum outro. É quando o degrau vale pelo degrau. E é claro, um degrau que vale por ele mesmo, ele destrói a metáfora da escada! Porque a escada é um instrumento de utilidade... E tudo que eu queria é que as pessoas não entendessem a vida como uma escada! Mas que elas entendessem cada instante da vida como uma espécie de luta pela felicidade ali, onde a vida está; onde nós estamos! O “Veja Bem” é um podcast inútil, por isso candidato a um podcast feliz, isto é: um podcast que tem o seu valor nele mesmo, no prazer que ele proporciona. Um prazer de elevação espiritual, um prazer de reflexo, um prazer de pensamento, um prazer de ideias... E quem nos ouve é porque tem a noção desse tipo de prazer em si mesmo.

PODCAST VEJA BEM

V: O Veja bem é editado e conta com locução de profissionais cegos ou com baixa visão. Quer conhecer a rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho? É só baixar o app da Rádio ONCB na sua loja Android ou IOS. Para apoiar e conhecer a Organização, acesse o site:

www.ONCB.org.br/adoacao

V: Rádio ONCB. ONCB - Todas as vezes em uma só rádio... O som de todas as vozes.

F: E você acabou de ouvir o recado da ONCB, a vinhetinha que te lembra que tudo isso aqui é editado e protagonizado por pessoas cegas ou com baixa visão. Conhece lá o trabalho da ONCB! Não deixe de visitar a Organização Nacional de Cegos do Brasil que tem o endereço web www.oncb.org.br.

Se, se você quiser contribuir com o trabalho, tem uma assinatura lá que, por 19:90 por mês você contribui e ainda recebe notícias sobre inclusão e acessibilidade, que pode te ajudar no trabalho, ou mesmo na vida pessoal. Não deixe de visitar: www.oncb.org.br/doacao.

F: A felicidade de óculos... olha, dentre as muitas coisas que me proporcionam momentos de vida boa, de felicidade, com certeza estão aqueles encontros com pessoas queridas...

Degustações, conversa jogada fora, muita nostalgia, sonhos pro futuro e sempre, sempre tem música! Música que, por vezes, faz a gente mudar de assunto e quando bem menos se espera, já tá todo mundo cantando. Eu estou falando pra você de música, porque, sempre que eu penso em Felicidade, eu lembro de uma canção belíssima composta pelo saudoso Zé Rodrix. Igualmente bela foi a interpretação feita por Elis Regina... A música fala de um montão de coisas, possibilidades, situações, tudo isso materializado em uma casa no campo... ideal para compor muitos rocks rurais... Cê já sabe de que música eu estou falando, não é? Essa música, lá pelas tantas, fala da esperança de óculos. Nessa, sempre que eu paro pra ouvir, eu fico fascinado em pensar em uma experiência tão complexa, uma experiência humana tão potente como "esperança" recorrendo a um acessório para enxergar melhor o mundo. Nessa viagem reflexiva que eu costumo fazer, certa vez eu brinquei de fazer o mesmo com a felicidade.

Olha que lindo... Essa condição, esse sentimento apontado por Aristóteles como mais sublime alcançado pelo homem recorrendo a um oclinho pra poder enxergar melhor o mundo. Logo em seguida, você começa a pensar, né? Então esses óculos gritando, dando na cara que a felicidade precisa deles pra poder enxergar melhor a vida. Vejam que essa provocação que eu tou fazendo é totalmente diferente do que a gente faz aqui semanalmente, onde a gente conversa sobre as possibilidades que pessoas podem encontrar para enxergar a vida com outros olhos. Dessa vez, imagine... A gente tá desafiando os sentimentos, os fenômenos que compõem o pacote de autenticação da nossa humanidade a também fazerem o mesmo. Eu fico pensando que talvez a felicidade de óculos se manifesta em nossa vida cotidiana com muito mais frequência porque ela não deixaria nada passar batido.

O sorriso das crianças queridas empolgadas fazendo bagunça, desorganizando toda ordem da casa bem arrumada... A emoção dos idosos contando uma história meio sem graça, porém, para eles, importante, de um tempo em que eles foram jovens para cuidar das nossas infâncias... A Natureza funcionando com potência, a chuva forte parando o trânsito, o Sol quente, incomodando o executivo de paletó e gravata... O frio intenso atrapalhando os planos de ida pra praia... O planeta vivo permitindo que a gente também possa viver.

É claro que, como tudo na vida, a possibilidade de ajudar a Felicidade enxergar melhor também poderia trazer enormes riscos... Eu imagino que ela ia se encolher e morrer de vergonha alheia ao descobrir que humanos, por vezes, ficam felizes apenas por fazerem pessoas sofrerem. Ou mesmo que pessoas desistem de ser felizes em troca de um projeto de vida apenas bem-sucedida... seja com óculos, ou, quem sabe até usando máscara para se proteger do coronavírus, a felicidade, pra mim, sempre segue presente, como combustível essencial para seguir adiante.

Professor, eu acho que os deuses não iam gostar mais dessa de imaginar a felicidade tendo que ir à ótica pra poder ver melhor. Mas eu quero te fazer então um convite para dar sua opinião: a felicidade sempre é perfeita e plena, ou também pode se apresentar incompleta?

C: Carlos, da mesma maneira que a felicidade deve ser entendida como a realização da nossa natureza, é claro que, ao longo da vida, esta excelência que nos realiza, que nos atualiza, que nos mostra pro mundo, essa excelência que comunica quem somos no seu maior grau, no seu grau de maior perfeição, essa excelência é sempre uma referência prática.

Ela é alguma coisa que usamos para nortear a vida, mas ela não existe em estado puro, não é, Carlos? Ela serve para que entendamos a distância que estamos disso, né? Aqui mesmo eu estou me esforçando pra ser claro. Eu estou me esforçando pra ser compreensível... então, eu estou em busca de uma certa perfeição no uso da inteligência, no uso da produção dos discursos, no uso da palavra... E é claro que a perfeição, ela é uma referência e o que estou fazendo tenta se aproximar disso e, portanto, o que temos na mão é uma possibilidade, um esforço, um empenho que não deve nos abandonar... O empenho da virtude. O empenho para ir atrás da virtude... O empenho para a hora de existir, respeitar a nossa natureza, o nosso eu interior, fazendo o melhor possível. Mas é claro, a própria expressão “o melhor possível”, ou “dar o melhor de si”, já é indicativa do quanto tudo está submetido às condições materiais da vida...

Tudo está submetido às dificuldades do momento... tudo está submetido às fragilidades psicológicas que teimam em nos assolar nos mais diferentes momentos... E, portanto, é lógico, a felicidade, sempre uma referência perseguida por nós, é, muitas vezes, arranhada por nós, no topo, no teto da nossa existência. Mas, é claro... A vida é o que é... E o que não convém que deixemos acontecer é abrir mão dessa plena realização de nós mesmos... abrir mão dessa busca... Abrir mão dessa intensidade e, é claro, abrir

mão da própria felicidade, por mais que ela plenamente seja inalcançável no mundo de carne e osso que é o nosso.

F: Nossa, que legal! Então quer dizer que, seja de óculos e bengalinha, seja como for, é fundamental buscar sempre a Felicidade. Convidá-la pra sempre estar com a gente...

E, pensando nisso, professor, eu quero retomar algo que me parece essencial para uma vida feliz. Na tua primeira intervenção, o senhor falou sobre amizade, a virtude da amizade... Eu quero que o senhor retome um pouco essa reflexão, agora com maior centralidade pra esse papo, porque me parece que olhar pra felicidade com outros olhos significa ter uma atenção especial para encontrar amizade enquanto um elemento essencial pra vida feliz. É por aí, professor?

C: Acredito muito que a amizade seja uma forma particular de virtude, uma forma particular, portanto, de excelência... E por quê? Porque acredito firmemente que uma vida com amigos é uma vida superior a uma vida sem amigos. Acredito muito que os amigos, aqueles verdadeiros, aqueles que nos estimam, aqueles por quem temos estima, esses nos ajudam muito a nossa plena realização... E vice-versa. A amizade que pressupõe reciprocidade, a amizade que pressupõe estimar e ser estimado, amar e ser amado... Essa amizade é um excelente pré-requisito para uma vida feliz. E uma vida feliz, Carlos, eu tenho firme convicção disso... depende muito da maneira como consideramos o outro. Da maneira como nos relacionamos com o outro. Da maneira como afetamos e somos afetados pelo outro. Porque, definitivamente não fomos feitos para o isolamento, para a blindagem, para solidão. Fomos feitos para interação. A interação com o mundo, mas a interação com um mundo muito especial, daqueles que são como nós... sem serem iguais a nós. E é exatamente na possibilidade da amizade como virtude, como forma particular de excelência, que eu a considero um pré-requisito da vida feliz.

É claro, a amizade, ela caminha junto com as demais virtudes. Ela se imbrica das demais virtudes e, portanto, a amizade tem a ver com a magnanimidade, com a generosidade, com a honestidade, com a humildade e com todas as outras virtudes que acabam luzindo quando temos um amigo verdadeiro, um amigo que nos estime e por quem tenhamos estima. O mesmo Aristóteles observa que há três fundamentos para a amizade: prazeres compartilhados, uma espécie de utilidade da presença recíproca e a estima. E ele observa: uma amizade fundada meramente no prazer, como amigos que se reúnem para beber, ou jogar bola, ou pra comer juntos, ou até mesmo relações mais íntimas... Essa amizade fundada só no prazer, ela é temerária, ela é efêmera, porque, desaparecendo as condições do prazer, desaparecer a amizade. A amizade fundada na utilidade, ou seja, naquilo que nós chamamos de amizade por interesse, ela também é temerária, porque, desaparecendo o interesse, quando um perde a condição de atender às necessidades do outro, a amizade desaparece.

Mas a amizade por estima, é a amizade que tem por objeto o conjunto das virtudes do outro. Esse conjunto das virtudes do outro é o que nós denominamos de caráter. E o caráter é enraizado, é arraigado, ele integra a pessoa, não é? É muito menos instável que prazeres e interesses. E é exatamente por isso que temos a sensação de que esta

PODCAST VEJA BEM

amizade aí, que tem o caráter do outro como objeto da nossa estima é que entendemos como a forma mais perfeita de relação entre duas pessoas. Condição primeira de uma vida feliz. Era assim que eu queria concluir a minha intervenção... chamando atenção dos nossos ouvintes para esta possibilidade... A possibilidade de uma amizade a partir da estima. E, para estimular o outro, é preciso admitir as suas excelências. É preciso identificar as suas qualidades... Muitas vezes somos ensinados e adestrados a um ensimesmamento, a só olhar pra nós, a só olhar pros nossos méritos, a só olhar pros nossos ganhos... E a amizade pressupõe essa leveza de espírito, essa elevação que nos permite enxergar no outro alguma coisa de excelente, de muito próximo da perfeição... Alguma coisa que nos cause admiração... E é isso... Eu diria... O pano de fundo de toda relação de amizade verdadeira.

Era isso, meu querido amigo Carlos... Eu espero que tenhamos dito coisas relevantes pros nossos ouvintes... E, só neste caso, eles deverão voltar... porque nós estaremos aqui para mais um saboroso bate-papo sobre esse jeito novo de ver a vida.

F: E a gente já tá chegando ao final de mais um episódio. Caramba! Quanta conversa boa hoje! Eu, como disse no início, ficaria aqui mais umas duas ou três horinhas... Mas, como é hora de terminar, eu quero aproveitar pra agradecer a você, que ficou até o final. Você que tá divulgando o nosso podcast nas suas redes sociais, convidando mais gente pra vir com a gente... agradecer ao meu amigo Clóvis de Barros Filho... E acho que posso também chamar você de amiga, você de amigos que ouve a gente aí, toda semana... ansiosos, às vezes, para uma nova publicação no feed... Que a gente possa seguir juntos encontrando sempre caminhos para uma vida plena, uma vida feliz. Obrigado pela sua audiência...

Meu amigo, professor Clóvis, obrigado por mais esse momento de parceria... E até uma próxima!!!

C: Um abraço, querido amigo! Abraço aos ouvintes e até a semana que vem. Valeu!

F: Um abraço! Até mais!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com